

VELA VIRTUAL COMO MATERIALIDADE DA FÉ: CULTURA DIGITAL E MANUTENÇÃO/TRANSFORMAÇÃO DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS

**Juliana de Souza¹
Juliana Simões Bolfe²
Mônica Cristine Fort³**

RESUMO

A vela em sua materialidade é considerada símbolo do cristão católico desde seu nascimento, representada no Sacramento do Batismo, até a morte, simbolizando que aquele católico cumpriu sua missão na Terra. Este artigo tem por objetivo investigar como é manifestada, ao católico, a vela virtual, símbolo da materialidade de encontro com Deus, bem como sua apropriação no areópago digital. São apresentados dois sites de conteúdos religiosos e como instruem o fiel para a efetivação do ato de acender a vela virtual. Por fim, aborda-se a influência da Cibernética da Semântica, conceito de Norbert Wiener, por meio da mensagem utilizada na máquina com o intuito de induzir o fiel à mudança de comportamento. Os resultados mostraram que fiéis católicos acreditam no poder da materialidade da vela virtual.

Palavras-chave: Cultura Digital; Materialidade; Igreja Católica; Fé; Vela Virtual.

VIRTUAL CANDLE AS FAITH MATERIALITY: DIGITAL CULTURE AND MAINTENANCE / TRANSFORMATION OF RELIGIOUS SYMBOLS

ABSTRACT

The candle in its materiality is considered a symbol of the Catholic Christian from his birth, presented in the Sacrament of Baptism, until his death, symbolizing that that Catholic fulfilled his mission on Earth. This article aims to investigate how the virtual candle, materiality symbol of encounter with God, is manifested to the Catholic as well as its appropriation in the digital areopagus. The text presents two religious content sites and the way they instruct the faithful to the act of lighting the virtual candle. Finally, the influence of Semantic Cybernetics, concept of Wiener, is discussed, through the message used in the machine in order to induce the faithful to change behavior. The results showed that Catholic faithful believe in the power of virtual candle materiality.

Keywords: Digital Culture; Materiality; Catholic Church; Faith; Virtual Candle.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Mestre pelo mesmo PPGCom/UTP. Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal Catarinense – *Campus Araquari*.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP) e mestre em Educação pela mesma instituição. Orientadora e avaliadora de TCC de Pós-Graduação pela FAEL; Professora da FAE Centro Universitário.

³ Orientadora do trabalho. Pós-doutora em Comunicação (UERJ). Doutora em Engenharia da Produção (UFSC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP).

INTRODUÇÃO

Quando acendemos uma vela, colocamo-la, não debaixo da mesa, mas sobre o castiçal, para que ela ilumine a todos que estão em casa. Assim também deve brilhar vossa luz diante dos homens, para que eles vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso pai que está nos céus. (Mateus 5,14).

O versículo que abre este texto é um dos muitos exemplos contidos na Bíblia que indicam que para um fiel se aproximar do Divino se faz necessária a luz. A luz, na sua materialidade terrena, é representada, para os católicos, pelo objeto vela, chama acesa que possibilita um diálogo com a imaterialidade Deus. Tida como símbolo do cristão católico, a vela está presente desde seu nascimento, apresentada no Sacramento do Batismo, até a morte, simbolizando que aquele católico cumpriu sua missão na Terra e que Deus o receba para a vida eterna.

O ritual de acender a vela, nas mais diferentes manifestações religiosas e, também, para rogar intenções e/ou agradecimentos, faz com que a posse desse objeto seja imprescindível na vida dos católicos, seja para estes acenderem em casa, diante de um suposto altar, com artigos religiosos, seja para acenderem na Igreja, templo Sagrado, e em cemitérios, nos túmulos, para a alma de entes queridos.

Porém, com os avanços tecnológicos propiciando ambientes virtuais, tem-se presenciado diferentes formas de manifestações sociais e religiosas que antes eram comuns somente em certos ambientes físicos. Acender a vela hoje, no ambiente virtual, também é possível. A cultura digital provoca mudança de paradigmas da comunicação e isso requer mudança de mentalidade, pois o sujeito navega, interage e consome informações de forma extraordinária, visto que “conseguimos transitar informações, bens simbólicos, não materiais, de uma maneira inédita na história da humanidade” (LEMONS, 2009, p. 136).

A comunicação modifica-se constantemente e, a religião, por se utilizar de diferentes formas comunicacionais para evangelizar os fiéis, também evolui e passa a considerar práticas religiosas diferentes das tradicionais. Conforme explica Sbardelotto,

Se a internet traz consigo novas formas de lidar com o tempo, o espaço, as materialidades do sagrado, o discurso e os rituais, a religiosidade como tradicionalmente a conhecemos também está mudando, e a “nova religião” que se descortina diante de nós nesse “odre novo” traz também um “vinho novo” que caracteriza a midiatização digital (suas formas características de

ser, existir, pensar, saber, agir na era digital). Junto com o desenvolvimento de um novo meio, como a internet, vai nascendo também um novo ser humano e, por conseguinte, um novo sagrado, uma nova religiosidade e uma nova religião. (SBARDELOTTO, 2012)

Em 2011, o Papa Bento XVI, na mensagem elaborada para o 45º Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 5 de junho, discorreu sobre o ambiente digital que emoldura a vida contemporânea. “O envolvimento cada vez maior no público areópago digital dos chamados *social network*, leva a estabelecer novas formas de relação interpessoal [...] coloca a questão não só da justeza do próprio agir, mas também da autenticidade do próprio ser” (Bento XVI, 2011). Dois anos mais tarde, o Papa voltou a mencionar a relação da fé cristã com a cultura digital:

No ambiente digital, existem redes sociais que oferecem ao homem actual oportunidades de oração, meditação ou partilha da Palavra de Deus. Mas estas redes podem também abrir as portas a outras dimensões da fé. Na realidade, muitas pessoas estão a descobrir – graças precisamente a um contacto inicial feito *on line* – a importância do encontro directo, de experiências de comunidade ou mesmo de peregrinação, que são elementos sempre importantes no caminho da fé. (BENTO XVI, 2013).

As práticas religiosas on-line tem intensificado os atos de fé dos cristãos ao tentar produzir experiências semelhantes àquelas praticadas nas igrejas. Ao referenciar suas pesquisas relativas à religião e internet, Sbardelotto reflete sobre a questão:

Chamou-me a atenção o fato de que a grande maioria dos sites católicos que visitei ao longo da pesquisa ofereciam não apenas informações sobre religião, mas também ambientes para que o fiel pudesse vivenciar e experimentar sua fé por meio da internet, das chamadas “capelas virtuais”. (SBARDELOTTO, 2012)

Acerca da interatividade das adaptações ritualísticas em curso, Freire complementa:

Os milhares de sites, blogs e perfis em redes sociais que tem a religião como tema fundador, oferecem, basicamente, discursos nos formatos mais diversos, desde textos e vídeos até aplicativos e imagens animadas, porém, em nossa percepção, os espaços virtuais que mais caracterizam os ciber-templos seriam as páginas que possibilitam a participação e interação com os fiéis (FREIRE, 2017, p. 148).

O processo de comunicação como atividade histórico-cultural no século XXI exige do sujeito conhecimento e autonomia, pois as novas tecnologias proporcionam mudanças não somente nas formas de comunicação, mas na comunicação em si mesma, podendo-se afirmar que presenciamos uma ampla transformação cultural. Tal transformação coloca o fiel em uma nova ambiência, na qual interações comunicacionais exigem alterações na forma de produzir e receber mensagens que, embora elaboradas por humanos, são transmitidas pela máquina.

É também característica da sociedade contemporânea a sensação “de que a vida ‘voa’ cada vez mais rápido, embora, em média, a expectativa de longevidade nas sociedades ocidentais tenha aumentado continuamente” (ROSA, 2019, p. 33). A aceleração da sociedade é amplamente discutida por Hatmut Rosa, em sua obra – *Aceleração: as transformações das estruturas temporais na Modernidade* –, porém, o que nos interessa aqui, é o que o autor chama de “Aceleração do Ritmo da Vida”.

Para Rosa, o aumento do ritmo da vida representa “uma reação ao *escasseamento de recursos temporais*, de modo que, para as ações (ou experiências) particulares, resta *menos tempo* disponível que antes” (2019, p. 262). Assim, tendo em vista a multiplicação de opções e experiências possíveis de serem vividas, é menor o intervalo de tempo que pode ser gasto com cada objetivo. Deste modo, se um fiel puder acender uma vela virtual, sem sair de casa (para acendê-la na Igreja, por exemplo), o tempo economizado com o deslocamento pode ser dedicado a outra atividade sem, contudo, eliminar o momento de oração:

O contato do ser humano com o mundo virtual traz uma nova concepção de tempo e espaço que influencia na sua concepção de realidade. Na sociedade em rede estamos, na verdade, em contato com um mundo com duas dimensões complementares: o real, com as suas relações materiais e o virtual. (ZANON, 2019, p. 45)

Antes de finalizar esta parte introdutória, cabe ainda mencionar que, embora os serviços religiosos digitais venham sendo utilizados por diferentes religiões há algum tempo, é inegável que a pandemia causada pelo novo Coronavírus (Covid-2019) intensificou o uso na tecnologia tanto por parte das instituições religiosas como pelos fiéis.

Em meio à crise sanitária que se espalhou rapidamente pelo mundo, o distanciamento social foi uma das principais medidas apontadas para a contenção do vírus. Assim, os mais diversos tipos de reuniões e eventos socioculturais, incluindo as celebrações religiosas, foram afetados. Em grande parte do Brasil, “apesar das diferentes posições e da polarização, igrejas e espaços religiosos foram interditados a partir de março até meados de setembro de 2020”. (ADAM; SBARDELOTTO, 2021, p. 44)

Nesse contexto, ainda que muitas instituições religiosas já transmitissem algumas de suas celebrações de forma virtual, comunidades e grupos de orações fossem cada vez mais frequentes no *Facebook* e *WhatsApp*, entre outras práticas virtuais, as religiões viram-se diante de uma reformulação inadiável. Especialmente as igrejas cristãs,

(...) foram forçadas, de um momento para outro, sem planejamento algum, a quebrar paradigmas e a se reinventarem na busca do atendimento de seus fiéis, passando a utilizar as casas e as novas tecnologias para manter seus membros unidos e atender as demandas trazidas pela pandemia. (STEPHANINI; BROTO, 2021, p. 62)

Dado o exposto, este artigo procura evidenciar como a Igreja Católica vem utilizando a tecnologia digital para a manutenção e expressão da fé de seus fiéis. O presente texto procura abordar o encontro com o Divino (imaterialidade), por meio da materialidade (vela digital). Para tanto, empregam-se pressupostos de materialidade e imaterialidade de Daniel Miller (2013), relacionando tais referências a costumes de católicos na utilização da vela, desde seu surgimento na Igreja até a sua utilização no ambiente digital. Na sequência, apresentam-se *sites* de dois santuários católicos destacando-se como cada um apresenta o ícone Vela Virtual e as orientações para que o fiel acenda a luz. Por fim, traz o conceito de cibernética da semântica¹, de Norbert Wiener (1954), uma tradução de experiências culturais do indivíduo. Evidencia-se como a mensagem pode influenciar a mudança de comportamento do fiel diante do que lhe é apresentado, pela máquina, no ambiente virtual.

¹ Expressão originalmente empregada pelo Autor Norbert Wiener, no livro, *Cibernética e Sociedade*, de 1954.

MANUTENÇÃO DA FÉ NO AREÓPAGO DIGITAL

“Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar  nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (João 8,12). Em várias passagens bíblicas constata-se que os discípulos se valiam de metáforas para afirmar que Deus é a luz e tal representatividade se dá, entre os cristãos, pelo uso da vela em diferentes rituais religiosos. Ela simboliza a fé da vida cristã. A vela acesa remete a uma proximidade com o Divino, um diálogo, uma intercessão de Deus por nós, na terra. Para Daniel Miller, “há um princípio básico encontrado na maioria das religiões que dominaram a história registrada. A sabedoria foi atribuída àqueles que afirmam que a materialidade representa o meramente aparente, sob o qual jaz o real” (2013, p. 105). Apesar do autor ancorar o pensamento a religiões como hindu simo e budismo², propõe-se, neste texto, fazer rela o com a fé cristã. Assim, convém expor a partir de quando a vela passou a ser considerada o símbolo da materialidade para o cristão católico para o encontro com a imaterialidade Divina.

A vela caracterizada como objeto na vida de qualquer pessoa servia para iluminar as casas antes da chegada da eletricidade. Porém, na Igreja Cristã, em especial, a Católica, tal objeto é carregado de significados divinos, imateriais. No século VIII, era costume que a igreja permanecesse no escuro depois de terminada a celebra o vespertina da Quinta-Feira da Paixão, ou seja, não era permitido nenhum tipo de luz dentro da igreja, pois a data cristã representa a crucifica o e a morte de Jesus. Somente era trazida a luz para dentro da Igreja no Sábado da Paixão, no período noturno. A luz voltava a reinar dentro da Igreja por meio do C rio Pascal, grande vela acesa, durante a vigília, que representa, até os dias atuais, a ressurrei o de Jesus Cristo.

Tal objeto, na representa o material de uma grande vela decorada e disposta num requintado e luxuoso candelabro,   acesa e conduzida pelo diácono para dentro da igreja e este vai proferindo a seguinte frase “A luz de Cristo”, e os fiéis o acompanham em procissão e, em seguida, v o acendendo suas velas e toda a igreja fica iluminada. O C rio Pascal em sua representatividade material, a vela, traz uma cruz desenhada no

² Ao citar religiões da Ásia do Sul nas quais “a teologia centrava-se numa crítica da materialidade”, Daniel Miller (2013, p. 105) comenta que o hindu simo está ligado ao conceito de *maya*, que apregoa aquilo que existe, mas, em muta o,   espiritualmente irreal. Trata-se da “natureza ilusória do mundo material”.

centro e um lema inscrito que são as letras do alfabeto grego *Alfa* e *Ômega*, respectivamente primeira e última letras do alfabeto, que significam princípio e fim do tempo. Também está inscrita a data do ano vigente para representar a presença imaterial, mas viva, de Jesus Cristo ontem, hoje e sempre (ZILLES, 2006).

Para Daniel Miller, materialidade pode ser entendida como “àquilo que não significa, necessariamente, apenas coisas físicas, pode ser sobre finanças, sobre sonhos, ou sobre a imaterialidade da Internet e dos mundos digitais, ou seja, não se trata daquilo que foi criado, convencionalmente, como coisas” (2009, p. 30)⁷³. Portanto, o Círio Pascal (objeto outrora produzido com cera de abelhas, atualmente, com parafina) pode ser considerado, então, símbolo da materialidade, pois fica aceso na Igreja até a conclusão do cognominado Tempo Pascal. Depois é apagado e devidamente guardado na sacristia e sua chama só será novamente acesa em dias muito representativos para os cristãos, como o batismo e as exéquias, sacramentos que indicam o princípio e o fim da vida temporal. O sacramento do batismo significa que durante a vida o cristão participa da vida de Cristo e que após a morte garantirá a integração à Luz eterna (Bingemer, 2004).

Considerando-se a afirmação de Miller de que a “cultura material teve consequências consideráveis como meio de expressar certas convicções” (2013, p. 105), o cenário religioso ratifica que uma das manifestações de fé somente é evidenciada pela materialidade da vela acesa, cuja chama representa o diálogo, o encontro com o Divino, ou seja, a imaterialidade da luz, presença de Deus, na terra entre os cristãos. Comumente as igrejas católicas do mundo todo, no momento da celebração das missas, têm as velas dispostas e acesas no altar. No velório, a vela acesa simboliza que a pessoa morta era cristã. Nos cemitérios, túmulos iluminados pela luz da vela indicam onde jaz um cristão. Corroboram-se tais afirmações pelos Salmos: “Porque o Senhor vela pelo caminho dos justos” (Salmos 1, 6) e “O Senhor vela pela vida dos íntegros, e a herança deles será eterna” (Salmos 36, 18).

³ Daniel Miller dá essa declaração em entrevista concedida à Catarina Morawska Vianna, então Doutoranda, e Magda dos Santos Ribeiro, então Mestranda, em *Antropologia Social* (USP), em 21 de setembro de 2009, no departamento de Antropologia da University College London.

A utilização da vela, dentro da Igreja, é considerada, pelo cristão, a luz, o caminho para se chegar ao Divino, mas também passou a ser utilizada para implorar as mais diversas graças, como saúde, paz, emprego, conversão, entre outras. O ritual de acender uma vela para pedir ou agradecer a intercessão de Deus era habitualmente realizado em determinado espaço da casa, juntamente a uma espécie de altar, com imagens e artigos religiosos. Também esse ato era muito comum nas igrejas junto ao altar do Santíssimo e, por fim, no cemitério, em especial, no túmulo, acesa pela alma de entes queridos.

A cultura material explora objetos para, por meio da idiosincrasia, criar uma compreensão mais profunda da especificidade de seres humanos, em especial, cristãos católicos, inseparáveis de sua materialidade. Em tempos de tecnologia digital, modernos areópagos têm influenciado o ritual cristão de acender, pois hoje nos deparamos não somente com a vela física (a de parafina), mas também a vela virtual disponibilizada aos cristãos no areópago digital.

A cultura material direciona sua atenção aos elementos fundamentais sobre o que queremos dizer quando falamos sobre seres humanos, essa é uma das razões pela qual ela se torna tão influente. Algumas pessoas, que simplesmente lidam com o mundo das coisas, centram-se na antropologia do consumo e estão satisfeitas com estas definições, mas acredito que fazemos outra coisa aqui: mantemos uma espécie de equilíbrio entre questões teóricas profundas e essa grande variedade de literaturas. (MILLER, 2009, p. 430)

Para os cristãos católicos a vela não está relacionada à palavra consumo, mas sim, pela representatividade simbólica que este objeto carrega, ou seja, sua materialidade ligada à fé, ao equilíbrio entre a materialidade e a imaterialidade. Ainda que o foco desta pesquisa recaia sobre a vela virtual, é oportuno lembrar que outras práticas religiosas têm migrado para o ambiente digital, em especial, após a pandemia da Covid-19, conforme descrito anteriormente.

COMO ACENDER UMA VELA SEM A VELA

Em levantamento realizado em *sites* de santuários religiosos, buscou-se a forma com que a representatividade material da vela virtual é apresentada a seus fiéis. No presente texto, apresentam-se os *sites* do Santuário de Nossa Senhora Aparecida –

localizado na cidade de Aparecida⁴, no Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo –, o maior templo católico do Brasil e o segundo maior do mundo, ficando atrás somente da Basílica de São Pedro, no Vaticano; e o do Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que reúne, em média, 35 mil pessoas nas novenas que acontecem às quartas-feiras, em Curitiba, Paraná. As duas basílicas dispõem em seus ambientes virtuais o recurso para o cristão “acender” – virtualmente – uma vela. Ao observar tais *sites*, tem-se a intenção de entender como a Igreja Católica vem utilizando recursos da tecnologia digital para a manutenção da fé, pois para a religião, o principal propósito do material, a vela, é aproximar o fiel do imaterial, o Divino.

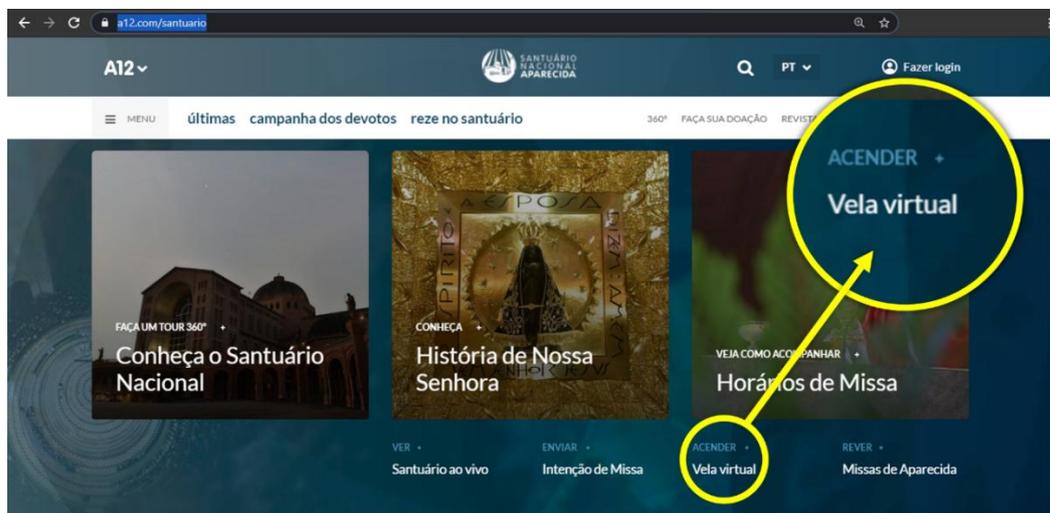
A escolha do Santuário de Nossa Senhora Aparecida é justificada pelo fato de ser considerado o maior santuário mariano do mundo e por Nossa Senhora Aparecida ser a Santa padroeira do Brasil. No site oficial do Vaticano o arcebispo Orani João (2021) revisita nos documentos oficiais religiosos e reitera que

No dia 16 de julho de 1930, o Papa Pio XI assinou o decreto pontifício que declarou e proclamou Nossa Senhora da Conceição Aparecida Padroeira da Nação Brasileira. Diz o decreto: “Por *motu proprio* e por conhecimento certo e madura reflexão Nossa, na plenitude do Nosso poder apostólico, pelo teor das presentes letras, constituímos e declaramos a Beatíssima Virgem Maria concebida sem mancha, sob o título de Aparecida, Padroeira principal de todo o Brasil diante de Deus. Concedemos isto para promover o bem espiritual dos fiéis no Brasil e para aumentar cada vez mais a sua devoção à Imaculada Mãe de Deus⁵”.

⁴ O município também é conhecido por Aparecida do Norte, em função da Estrada de Ferro Norte, construída na segunda metade do Século XIX.

⁵ ORANI, João, 2021 *apud* MACHADO, J. C., 1983, p. 397

Figura 1 – Página principal do *site* do santuário de nossa senhora aparecida



FONTE: Portal A12. Disponível em: <<https://www.a12.com/santuário>>.

No *site* do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, na página principal, Figura 1, o fiel encontra “Acender Vela Virtual”. Ao acessar a referida opção, o devoto é levado a outra página para acender a vela. No entanto, é necessário fazer *login*, conforme a mensagem indica: “Conecte seu coração ao da Mãe Aparecida e acenda sua vela virtual. Entre na área do devoto. Ela foi feita especialmente para você!” (A12, 2020). Caso ainda não tenha uma conta, o interessado deve se cadastrar. Ao entrar na página, abre-se um campo onde podem ser escritas as intenções para, então, acender a vela (Figura 2). É possível visualizar o número de velas acesas no dia. Até às 20h24min, do dia 03 de maio de 2020, 966 velas tinham sido acesas. Embora apareça o nome do fiel, não aparecem suas intenções. A vela fica acesa por sete dias.

Figura 2 – Velas acesas virtualmente



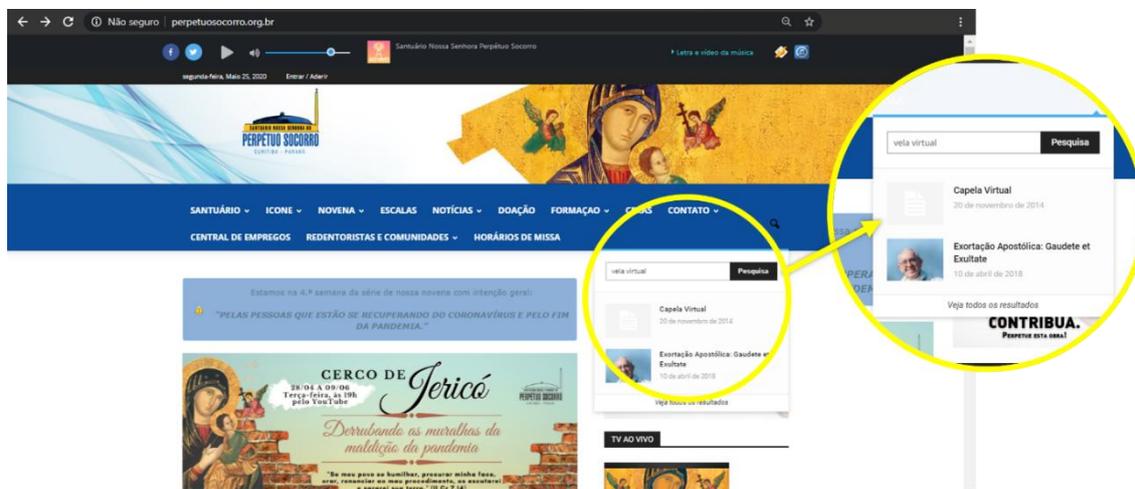
FONTE: Portal A12, página da Vela Virtual do Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

O Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi escolhido pelo fato de uma das pesquisadoras residir na capital paranaense, ser devota e participar das celebrações. O Santuário foi construído em 1960 e é considerado um dos principais e mais tradicionais da Igreja Católica em Curitiba, recebendo devotos da capital, do interior do Paraná e de outros estados brasileiros. Tradicionalmente, todas as quartas-feiras, das 06h às 22h, são celebradas novenas de hora em hora e a prefeitura de Curitiba criou uma linha de ônibus do Centro da cidade para o Bairro Alto da Glória para atender a demanda de devotos. De acordo com Simões (2019), todas as quartas-feiras acontecem 17 horários diferentes de novenas e, mais de 40 mil pessoas visitam o santuário ao longo do dia.

Em seu *site*, na página principal, não há um ícone para a vela virtual. Mas o devoto pode inserir a expressão no mecanismo de busca, conforme Figura 3, que o levará à Capela Virtual e, então, à opção “acenda uma vela”.



Figura 3 – Página principal do *site* do santuário de nossa senhora do perpétuo socorro



FONTE: Santuário Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Disponível em:
<<https://www.perpetuosocorro.org.br/>>

A partir de então, oito opções de velas, cada uma de uma cor, aparecem ao fiel para que ele escolha a que deseja acender. São dadas as opções: vela amarela, vela azul, vela branca, vela cinza, vela rosa, vela roxa, vela verde e vela vermelha. Segundo a indicação, a vela amarela é a luz que promove força para a vida de quem acende e bênção para o trabalho. A azul, luz que promove harmonia para a família. A vela branca simboliza a luz que promove paz na vida do devoto. A cinza, é a luz da conversão. A vela rosa, bênção a grávidas. Já a vela roxa representa a luz da conversão para a vida do fiel. A verde, proteção para as crianças. A vela vermelha, luz que traz vida aos relacionamentos afetivos.

Na página para acender vela, há a seguinte mensagem: “As velas nos lembram a luz de Deus que vem ao mundo para iluminar nossa existência. Se você deseja acender uma vela por você ou por alguma outra intenção particular, clique na aba (Acenda uma vela). A sua vela terá duração de 9 dias” (PERPÉTUO SOCORRO, 2020). Após o fiel selecionar a cor da vela referente ao seu pedido é o momento de preencher um formulário com seu nome, e-mail, telefone, cidade, país, idade e o intuito da vela. Cabe ressaltar a importância da “luz” aos cristãos, seu encontro com a imaterialidade, Deus, por meio da materialidade, vela acesa.

Conhecidos os *sites* de dois Santuários, observa-se que a utilização de velas virtuais por fiéis católicos tem sido uma prática comum, de acordo com as orientações dispostas no ambiente digital. As velas virtuais podem ser utilizadas sem prejuízo à fé e mantendo seu principal objetivo que é de manter um contato com o Divino. Tais ações coadunam as ideias do antropólogo Daniel Miller que salienta que “quanto mais a humanidade busca alcançar a conceitualização do imaterial, mas importante é a forma específica de sua materialização” (2013, p. 114).

Já na década de 1970, o autor Howard Snyder mostrava-se partidário ao reconhecimento do ambiente espaço teológico não subordinado a dependências físicas: “Teologicamente, a igreja não precisa mais de templos. Edifícios não são essenciais para a verdadeira natureza da igreja, pois o tabernáculo simbolizava a habitação de Deus, e Deus já habita dentro da comunidade humana dos crentes cristãos” (SNYDER, 1977, p. 70).

A opção, do cristão católico, por acender uma vela virtual denota uma nova modalidade de revelação e de manifestação de Deus e do sagrado: agora, porém, mediaticizada.

CIBERNÉTICA DA SEMÂNTICA – TRADUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DO INDIVÍDUO

O religioso Darlei Zanon (2019), na obra *Igreja e sociedade em rede*, a partir dos estudos e conceitos de Manuel Castells (1999), analisa a sociedade com suas tradições religiosas e os impactos para a chamada cibereclesiologia.

O ser humano, no espaço virtual, não é reconhecido pelo seu corpo material, mas pela sua personalidade, pela sua ação e participação na comunidade virtual que tem como fim último a produção de conhecimento e a busca de sentido. Os encontros se dão sobretudo pela dimensão profunda de cada ser humano, e não pela expressão corporal (material), como em geral acontece. (ZANON, 2019, p. 45)

Pensamento semelhante também é apresentado por Moisés Sbardelotto, no texto *O “católico” em reconexão: a apropriação sociorreligiosa das redes digitais em novos fluxos de circulação comunicacional*, ao registrar que nessa “interface específica do processo de mediaticização digital – a saber, com o fenômeno religioso –, vemos cada vez

mais a apropriação das redes digitais como ambientes de circulação de crenças, símbolos, discursos e práticas religiosos, remodelados para novas dinâmicas comunicacionais” (SBARDELOTTO, 2016, p. 147). Essa presença do cristão na sociedade em rede e, como nos referimos neste artigo, no arcótipo digital, pode ser melhor compreendida se forem consideradas experiências culturais dos indivíduos. A proposta, portanto, está em compreender o percurso que pode induzir o fiel à mudança de comportamento. Por isso, recorreremos a cibernética da semântica.

O matemático Norbert Wiener, considerado o fundador da cibernética, trabalhou na programação de máquinas computadoradas e teve como objetivo criar um sistema artificial capaz de desenvolver na máquina funções, até então, exclusivas de humano, como executar cálculos e prever trajetórias. Passou a se interessar não somente pelo estudo da linguagem, mas também pelo estudo de mensagens como meio de dirigir a maquinaria e a sociedade, mensagem entre o homem e as máquinas, entre as máquinas e o homem, e entre a máquina e a máquina:

coloquei na mesma classe comunicação e controle, pois quando me comunico com outra pessoa, transmito-lhe uma mensagem, e quando ela, por sua vez, se comunica comigo, replica com uma mensagem conexa, que contém informação que lhe é originalmente acessível, e não a mim. Quando comando as ações de outra pessoa, comunico-lhe uma mensagem, e embora tal mensagem esteja no modo imperativo, a técnica de comunicação não difere da de uma mensagem de fato. (WIENER, 1954, p. 16)

Comunicação e controle são palavras de ordem em uma sociedade regulada pela informação em que os meios de produção e de transmissão do conhecimento exigem cada vez mais compreensão para desvendar as mais complexas relações de sentido que são anunciadas na elaboração das mensagens. O homem, imerso nesse mundo, somente o percebe pelos órgãos dos sentidos que lhes possibilitam a capacidade de ajustar-se a condutas futuras, valendo-se de experiências do passado. É o que Wiener denomina de realimentação ou (*feedback*). A capacidade do ser humano de ajustar-se a diferentes ambientes pelos órgãos dos sentidos em uma rede de comunicações pode, segundo o autor, ser considerada em três níveis distintos: linguagem falada, aspecto semântico e comportamento.

“Para a linguagem falada comum, o principal nível humano consiste no ouvido e naquela parte do mecanismo cerebral que está em ligação permanente com o ouvido

interno” (WIENER, 1954, p. 77). Nessa passagem, o autor representa a máquina relacionada com o aspecto fonético da linguagem, com o próprio som. Já no segundo nível, tem-se o aspecto semântico, que o autor informa ter relação com “...o significado e se torna manifesto, por exemplo, nas dificuldades de traduzir de uma para outra língua em que a correspondência imperfeita entre os significados das palavras restringe o fluxo de informação de uma para outra” (WIENER, 1954, p. 78). E aponta, como terceiro nível, “a tradução das experiências do indivíduo, quer conscientes quer inconscientes, em ações que podem ser observadas externamente” (WIENER, 1954, p. 79). É o que o autor considera como o nível de comportamento.

Todos os níveis apresentados têm sua representatividade quando o ser humano recebe determinada informação. Ao ouvi-la, tal informação somente será processada significativamente pelo cérebro se tiver sentido (valor semântico), ou seja, venha agregar algo ou algum conhecimento ao indivíduo. Para este estudo é relevante perceber o nível de traduções das experiências, pois estas somente podem ser medidas a partir do nível de comportamento.

A contextualização, do segundo e terceiro níveis, pode ser explicitada a partir do objeto de estudo da presente pesquisa, a materialização da vela (real e virtual) para cristãos, em especial, os católicos. O ato de acender a vela (em casa, na igreja, no cemitério) é uma forma de aproximação e diálogo com o Divino, porém, com a cultura digital, são apresentados diferentes areópagos de manifestação da fé, bem como diferentes formas de materialização (velas).

Ao acesso à internet, cada pessoa busca por conteúdos que lhe interessam, por exemplo, um cristão Protestante provavelmente não terá interesse em pesquisar *sites* relacionados a santos, pois para este cristão Deus não tem intercessor, ou seja, não acredita em santos como os católicos creem. Por este motivo, os *sites* dos Santuários de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro somente têm significação semântica para os fiéis católicos, os demais cristãos podem até acessá-lo por curiosidade, porém, não devem ter a mesma relação de sentido, já que não se traduzem experiências significativas para esses indivíduos.

O católico que acessa o *site* do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, por exemplo, e que crê já ter recebido alguma graça por intercessão da Santa,

provavelmente encontra sentido nas informações que lê, pois lhes remetem a determinadas experiências religiosas vividas anteriormente. Esse ato de troca de interesses refere-se à linguagem semântica.

Para elucidar o terceiro nível, que se refere a ações do indivíduo que podem ser observadas externamente, torna-se mais complexo, explicitar, pois indica uma mudança de comportamento e sabe-se que comportamento está intimamente ligado a questões culturais. A palavra cultura traz diferentes definições, entre elas, a da tradição de um determinado grupo, significados comuns, “um padrão historicamente transmitido de significados incorporados em símbolos” (GEERTZ, 2008, p. 03). Para o filósofo Raymond Williams:

a cultura é de todos: este é o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa tudo isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. A sociedade em desenvolvimento é um dado, e, no entanto, ela se constrói e reconstrói em cada modo de pensar individual (1958, p. 01-02).

Ao afirmar que cada sociedade tem seu significado e que o manifesta em instituições, pode-se novamente trazer à tona o objeto de pesquisa, pois o ato de acender velas entre os católicos é um ritual, no entanto, com a sociedade em desenvolvimento, este ato se constrói e se reconstrói. O católico “pré”-cultura digital dispunha somente do ambiente físico e da vela física para efetivar sua manifestação de fé. Mas, com a tecnologia, passou a experienciar os meios virtuais. O ambiente digital promove ao católico rituais que antes aconteciam somente em lugares tidos como sagrados. O exemplo serve para abordar o terceiro nível, exposto por Wiener (1954), no que se refere a ações do indivíduo que só podem ser observadas externamente, ou seja, para chegar a ele há a necessidade de uma mudança cultural de comportamento.

Informação semanticamente significativa, na máquina, como no homem, é a informação que chega a um mecanismo ativador no sistema que a recebe, a despeito dos esforços do homem e/ou da Natureza para corrompê-la. Do ponto de vista da Cibernética, a semântica define a extensão do significado e lhe controla a perda num sistema de comunicações. (WIENER, 1954, p. 93)

Assim, os meios digitais passam a ser utilizados por fiéis para realizar os rituais que antes aconteciam somente em ambiente religiosos tradicionais. Sobre a questão, Sbardelotto sustenta que:

Na internet, os fluxos de sentido em rede moldam e fazem circular comunicacionalmente imagens, textos, vídeos etc. sobre o “católico”, ou seja, construtos simbólicos socialmente relacionados ao catolicismo. Contudo, não nos interessa analisar que “católico” é esse, mas sim *como ele se forma e se constitui* (2019, p. 148).

No momento em que o devoto se utiliza tanto do ambiente físico quanto do virtual e a consumação de acender a vela virtual mostra uma mudança de comportamento cultural, não quer dizer que o fiel abandone a tradição do ambiente físico, mas o virtual passa, também, a fazer parte de sua cultura para a manutenção da fé. Quando, por intermédio da máquina, em especial da mensagem transmitida por ela, o ser humano efetivamente muda de comportamento, tem-se, para Weiner (1954), a definição de cibernética da semântica.

Portanto, o objetivo não é anunciar que os ritos religiosos presenciais serão substituídos por práticas exclusivamente virtuais, de modo a dispensar os espaços sagrados clássicos, mas, reconhecer as implicações da comunicação em rede também nos círculos religiosos. Para Sbardelotto, essas novas práticas religiosas midiaticizadas “mostram que as pessoas passam a encontrar uma oferta de experiência religiosa não apenas nas igrejas de pedra, nos padres de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos bits e pixels da internet” (SBARDELOTTO, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os rituais religiosos refletem ações comuns em todas as religiões e proporcionam, ao fiel, uma proximidade com seu criador, além de atestar a aceitação por parte da comunidade devota. Rezar o terço, comungar e acender velas são atividades presentes no cotidiano de muitos cristão católicos. Deste modo, com a disponibilização de algumas dessas práticas em ambiente virtual, juntamente com a

impossibilidade de encontros presenciais (em virtude das restrições impostas pela Covid-19), é provável que muitos fiéis tenham acessado as plataformas religiosas online para manutenção de sua fé.

O Papa Francisco alertou cristãos no *Evangelii Gaudium* para uma nova forma de ser Igreja hoje: “... é preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra” (FRANCISCO, 2013, p. 132). A afirmação do líder mundial da Igreja Católica é mais um sinal de que a religião está incorporando aos seus rituais recursos que o desenvolvimento tecnológico promove.

Em anuência com o Papa Francisco, Adam e Sbardelotto afirmam que “O desafio é, precisamente, promover uma ‘enculturação digital’, que permita atualizar a evangelização nas linguagens e ambientes da comunicação contemporânea”. (ADAM; SBARDELOTTO, 2021, p 58).

Assim, este artigo procurou abordar um desses ritos religiosos, o hábito de acender a vela. Por meio de pressupostos de materialidade e imaterialidade, de Daniel Miller (2013), foi possível compreender que o principal objetivo de acender a vela em sua materialidade é aproximar-se do Divino, a imaterialidade. É a fé no potencial da vela para expressar a devoção ao imaterial que criou seu legado como presença.

Verificou-se, também, que a mensagem veiculada no ambiente virtual, ou seja, pela máquina, precisa ser muito bem elaborada, pois, no momento em que é transmitida aos usuários apresenta uma relação semântica, bem como uma relação com as experiências de vida do indivíduo. Nos *sites* dos santuários apresentados no estudo, encontram-se percursos para se expressar a fé. Em um deles, inclusive, o devoto pode escolher a luz que quer acender, cada uma com um significado diferente, mas com o intuito de pedir graças a Deus.

Através da análise apresentada é possível notar, ainda, que a Igreja Católica vem apropriando-se das novas tecnologias para reivindicar seu postura de instituição de referência na orientação aos fiéis. Sua presença no ciberespaço (bem como a presença das mais variadas religiões) vem “gerando uma enorme pandemia de transmissões religiosas: doutrinas, ritos, valores, celebrações, estudos, comunicações etc”. (STEPHANINI; BROTO, 2021, p. 71), de modo a conceber “novas modalidades de percepção e de expressão do sagrado em novos ambientes de culto: novas formas de

manifestação de Deus (teofania) e do sagrado (hierofania), agora mediatizadas” (SBARDELOTTO, 2012).

Indivíduos precisam de símbolos para se expressarem. A vela, presente na vida dos católicos do nascimento à morte, significa a luz, um símbolo de fé, esperança e amor. Costume muito antigo da Igreja, as velas simbolizam a ressurreição de Cristo, luz do mundo. Expressam honra e louvor. No aréopago digital, elas também podem ser acesas, o símbolo permanece, mas agora é virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A12. Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <<http://www.a12.com/reze-no-santuario/>>. Acesso em: 03 mai 2020.

BENTO XVI, Papa. Mensagem para o 45º Dia Mundial das Comunicações. Vaticano, 2011. Disponível em: <<http://twixar.me/wrkT>>. Acesso em: 02 mai 2020.

BENTO XVI, Papa. Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações. Vaticano, 2013. Disponível em: <<http://twixar.me/9rkT>>. Acesso em: 28 jun 2018.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Batismo, fonte da vocação de todo o povo de Deus. In: CONTA, Paulo Cezar (org.). **Sacramentos e evangelização**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica *evangelii gaudium* do Santo Padre Francisco ao Episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual**. Vaticano, 2013. Disponível em: <<http://twixar.me/vrkT>>. Acesso em: 03 mai 2020.

JOÃO, 8, 12. In: Bíblia online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/8/12>. Acesso em: 27 jun. 2018.

LEMONS, André. O que é a Cultura Digital, ou Cibercultura? In: SAVAZONI, R.; COHN, S. **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.

MACHADO, J. C. **Aparecida na história e na literatura**. Campinas: s/ed, 1983.

MATEUS 5,14. In: Bíblia online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/5/14-16>. Acesso em: 27 jun 2018.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2013.

ORANI, João. **Senhora Aparecida, 90 anos de padroeira**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-05/senhora-aparecida-90-anos-de-padroeira.html>. Acesso em 12 jun 2021.

ROSA, Ana Cássia Flores da; SILVA, Sandra Rubia da. Mídiação da religião como experiência vivida. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação. Unisinos, v. 5, nº 9, jan/jun 2017. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/viewFile/14849/pdf>. Acesso em: 08 mai 2020.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SALMOS. 1, 6. In: Bíblia online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/sl/1/1-6>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SALMOS. 18, 36. In: Bíblia online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/36>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SANTOS, Maria Salett Tauk; NASCIMENTO, Marta Rocha do. Desvendando o mapa noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). **Recepção midiática e espaço público**: novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO REDENTORISTAS. Curitiba (PR). Disponível em: <https://www.perpetuosocorro.org.br/>. Acesso em: 03 mai 2020.

SBARDELOTTO, Moisés. O “católico” em reconexão: a apropriação sociorreligiosa das redes digitais em novos fluxos de circulação comunicacional. In: FERREIRA, Jairo; Proulx Serge; ROSA, Ana Paula da. **Mídiação e redes digitais**: os usos e as apropriações entre a dádiva e os mercados. Santa Maria: Facos-UFSM, 2016. Disponível em: <http://unisinos.br/midiatizacao/wp-content/uploads/2016/07/livro-jairo-face.pdf>. Acesso em: 08 mai 2020.

_____. **Religião e internet: microalterações e evoluções da fé**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/172-noticias/noticias-2012/515381-religiao-e-internet-microalteracoes-e-evolucoes-da-fe>>. Acesso em: 13 jun 2021.

SIMÕES, Deniele. Novena do Perpétuo Socorro atrai 40 mil fiéis em Curitiba (PR).

Disponível em: <<https://www.a12.com/jornalsantuاريو/noticias/novena-do-perpetuo-socorro-atrai-40-mil-fieis-em-curitiba-pr>>. Acesso em: 12 jun 2021.

SNYDER, Howard. Vinho novo, odres novos: vida nova para a igreja. São Paulo: ABU, 1977.

STEPHANINI, Valdir; BROTO, Julio Cezar de Paula. A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias.

PLURA, Revista de Estudos de Religião, vol. 12, nº 1, 2021, p. 61-79. Disponível em: <file:///C:/Users/Ju%20Souza/Downloads/1815-Texto%20do%20artigo-6858-1-10-20210513%20(1).pdf>. Acesso em: 12 jun 2021.

VIANNA, Catarina Morawska; RIBEIRO, Magda dos Santos. Sobre pessoas e coisas: entrevista com Daniel Miller. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 52, nº 1, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27343/29115>. Acesso em: 02 jul 2018.

WIENER, Norbert. Cibernética e sociedade: o uso humano dos seres humanos. São Paulo: Cultrix, 1954.

WILLIAMS, Raymond. A cultura é de todos. São Paulo: EDUSP, 1958.

ZANON, Darlei. Igreja e sociedade em rede: impactos para uma cibereclesiologia. São Paulo: Paulus, 2019.

ZILLES, Urbano. Significação dos símbolos cristãos. 6 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

Recebido em 11 de novembro de 2020.

Aprovado em 16 de junho de 2021.